



3991 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT14 - Sociologia da Educação

REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DE JOVENS EVANGÉLICOS AO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO.

Sueline Gusmão Soares -

Nubia Regina Moreira - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

Este trabalho apresenta análises iniciais sobre os conflitos vivenciados por estudantes evangélicos ao terem sua formação religiosa confrontada com o *ethos* científico durante sua inserção ao ambiente universitário. Para esse momento o texto versará sobre os desafios da perspectiva religiosa no contexto da modernidade ? momento de hegemonia do conhecimento científico. Logo, pretendemos notar se tais conflitos existem, realçando, caso confirmem-se, o papel dos currículos escolares em sua produção.

Palavras-Chave: Religião; Ciência; Estudantes evangélicos.

REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DE JOVENS EVANGÉLICOS AO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO.

INTRODUÇÃO

Quando perguntamos “de que maneira o acesso ao mundo universitário interfere nas práticas cotidianas dos estudantes evangélicos”, imaginamos que a realidade desses estudantes seja marcada por conflitos vivenciados por eles quando egressos dos cursos de graduação na área de Ciências Humanas. Nesse sentido, ressaltamos que este trabalho de pesquisa, ainda em curso, versa sobre a inserção dos jovens evangélicos no espaço universitário e pretende investigar os conflitos enfrentados por esses sujeitos no ambiente acadêmico, confronto estabelecido a partir do contato com os conhecimentos científicos que se antagonizam com suas crenças religiosas. Ao atualizarmos o debate clássico entre ciência e religião, buscamos contribuir para a ampliação da disputa em torno do conhecimento e sua representação no currículo das ciências humanas.

É crucial destacarmos a contribuição do autor Emile Durkheim (2008) em sua análise sociológica resultante de estudos profícuos acerca das relações sociais, no interior das quais, estão as crenças, os ritos, os símbolos religiosos como paradigmas do sagrado e do profano, separados pela modernidade assim como sucedeu com a religião e a ciência.

As crenças seriam, portanto, o meio pelo qual a sociedade qualifica as coisas como sagradas ou profanas. Já o rito, certifica formalmente se o comportamento dos homens é aprovado diante do que eles reputam como sagrado.

Em seu livro, *As formas elementares de vida religiosa*, Durkheim argumenta que o totemismo é uma via de acesso às bases de uma vida religiosa e que devido à sua simplicidade, a religião pode ser considerada como instrumento de organização do mundo, já que há uma dicotomia nas categorias sagrado e profano. Além disso, o totemismo é útil a Durkheim na elaboração da teoria de que a ideia (pensamento) de sagrado e profano não é um dado, mas uma representação coletiva que não é imanente. Para Durkheim, o primeiro sistema de representações que o homem teria construído para si seria o religioso (DURKHEIM, 2008).

No âmbito das relações sociais, onde está a noção das coisas sagradas, é que as representações coletivas se desenvolvem. A mente humana, por outro lado, é a sede onde as categorias de entendimento se desenvolverão. Ora, a luta constante entre o bem e o mal não é, até os dias de hoje, o tema definidor do mundo? Não é assim que o discurso religioso orienta os seus adeptos a crerem?

“Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam uma mesma característica comum: elas supõem uma classificação das coisas que o homem representa para si mesmo, sejam elas reais ou ideais, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que são muito bem traduzidos pelas palavras profano e sagrado. Este é o traço distintivo do pensamento religioso, a divisão do mundo em dois domínios, um que compreende tudo o que é sagrado, e outro que compreende tudo o que é profano; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações umas com as outras e com as coisas profanas” (DURKHEIM, 2008, p. 68).

A MODERNIDADE

Compreendemos que para obter repostas à questão apresentada como problema central, devemos debruçarmo-nos sobre uma vasta literatura que apresente relevantes considerações acerca do homem e sua cosmovisão, do sagrado e profano, das faces da modernidade criticada severamente por excluir a religião em proveito da hegemonia da ciência.

Teorizando a respeito da racionalização ocidental, Weber (1982) reconhece que a razão e o cientificismo ocupam o lugar do sagrado e do misticismo que encantavam a humanidade mantendo as antigas comunidades unidas em torno de um ambiente profético.

“O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e, acima de tudo, pelo “desencantamento do mundo”,

[em que] os valores últimos e mais sublimes retiraram-se da vida pública, seja para o reino transcendental da vida mística, seja para a fraternidade das relações humanas diretas e pessoais" (WEBER apud CARVALHO, 2010).

Utilizando o método compreensivo, Weber (1982) faz uma interpretação acerca da condição moderna e pós-moderna do mundo, esboçando uma atenção especial ao homem desse tempo, às suas aflições e dilemas. É com esse propósito que pretendemos estudar minuciosamente os aspectos que envolvem a vida diária dos sujeitos dessa investigação, relacionando-a com a sua prática religiosa e seu saber científico.

Alain Touraine (1994) por sua vez, é um crítico pertinaz da modernidade. Em seu livro *A crítica da modernidade* ele expõe:

"Pode a modernidade ser identificada com a racionalização, ou mais poeticamente, com o desencantamento do mundo? O triunfo da modernidade racionalista rejeitou, esqueceu ou encerrou em instituições repressivas tudo o que parecia resistir ao triunfo da razão.[...] O pensamento moderno não é aquele que cessa de se fechar no já vivido, ou a participação mística ou poética no mundo do sagrado, para tomar-se científico e técnico, interrogando-se sobre o como e não mais sobre o porquê? A modernidade é a antitradição, a derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, a saída dos particularismos e a entrada no universalismo, ou então a saída do estado natural e a entrada na idade da razão." (TOURAINÉ, 1994, p.213 e 216).

Estaria, então, a religião vencida? A razão a sobrepujou? O homem moderno, dono das suas escolhas não está apto à retornar à tradição, visto que encontra-se imerso em tantas incertezas?

Mais do que obter respostas definitivas e concretas a esse respeito, é mister levar em conta o tempo que estamos inseridos: A pós-modernidade. Bauman assegura que nela há um mal-estar causador de efeitos passíveis de análises, tais como: discutir sobre a religião que para ele foi "convenientemente esquecida na modernidade, deportada pela razão científica" e evitar as classificações categóricas já que, para ele, questões subjetivas não podem ser quantificadas em dados estatísticos (BAUMAN, 1998, p.206). Bauman afirma que o cotidiano é permeado por incertezas e inseguranças e que é nesse cenário que entra em cena o sagrado, agora um lugar de refúgio para o homem pós-moderno que reconhece não saber tudo. Entretanto, o sagrado, para Bauman, não é uma categoria própria da religiosidade porque esta, na pós-modernidade, já não responde aos anseios da humanidade, tampouco lhes extingue a ansiedade (BAUMAN, 1998, p.222).

CURRÍCULO E IDENTIDADE

Considerando o objeto de investigação dessa pesquisa, que é compreender como o acesso ao mundo universitário interfere na prática de jovens evangélicos, podemos refletir que a universidade é o lugar do conhecimento especializado, e esses jovens terão a oportunidade de pensar sua vida cotidiana a partir de um tipo de conhecimento específico, o que significa que outras produções de significado vão ocorrer, cabe, portanto, investigar quais são. Como afirma Young esse tipo de conhecimento especializado só pode ser oferecido pela escola ou universidade, já que os outros espaços não levam as pessoas para além de experiências pessoais.

"A educação preocupa-se, antes de mais nada, em capacitar as pessoas a adquirir conhecimento que as leve para além da experiência pessoal, e que elas provavelmente não poderiam adquirir se não fossem à escola ou à universidade [...]. A segunda questão é que a educação é uma atividade especializada [...]. À medida que as sociedades foram se tornando mais complexas e mais diferenciadas, desenvolveram-se instituições especializadas – escolas, faculdades e, claro, universidades. Assim, embora permaneça uma atividade prática, a educação se tornou cada vez mais especializada. Os currículos são a forma desse conhecimento educacional especializado e costumam definir o tipo de educação recebida pelas pessoas. Precisamos entender os currículos como formas de conhecimento especializado para podermos desenvolver currículos melhores e ampliar as oportunidades de aprendizado. É esse tipo de meta que dá sentido à teoria do currículo, assim como tratamentos e remédios melhores dão sentido à ciência médica" (YOUNG, 2014, p. 196-97).

É pois a partir da concepção de currículo como conhecimento especializado na perspectiva de Young e da teoria preconizada por Silva (2016), a qual imputa à esses estudantes a condição de sujeitos que possuem identidade, que essa investigação propõe-se a compreender em que medida o acesso ao conhecimento científico por esses jovens cristãos evangélicos interfere em seu cotidiano (SILVA, 2016, p. 15).

Ademais, é crucial pensar o currículo para além de uma projeto pedagógico. Ele se inscreve numa reflexão política e sociológica. Desse modo, há que se considerar as discrepâncias ocorridas no âmbito universitário no que tange às relações entre Religião, Educação e Ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões levantadas neste texto pretendemos assinalar perspectivas teóricas específicas para pesquisar políticas de currículo, particularmente do ensino superior, buscando contrapor a ideia de um currículo instituído admitindo, portanto, não apenas a possibilidade mas, a necessidade de um currículo compreendido como uma prática cultural e que possua significação, refutando ainda, a ideia de identidades fixas. (Lopes e Macedo, 2011). Nesse sentido, admitimos que a realidade é compreendida a partir da reunião de outras possibilidades, outros pontos de vista que não tragam a ideia de verdade única, como por exemplo, a narrativa que afirma que religião e ciência são irreconciliáveis.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CARVALHO, A. B. **Desencantamento do mundo e ética na ação pedagógica: reflexões a partir de Max Weber**. Educação e Pesquisa, v.36, n. 2, maio/ago. 2010, p. 585-597.

DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Joaquim Pereira Neto. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

LOPES, A. C. MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. p.280.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

YOUNG, M. **Teoria do Currículo: o que é e porque é importante** Cadernos de Pesquisa, v.44 n.151 p.190-202 jan./mar. 2014.